

A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE

Helena Margarida R. Vaz Duarte Mendes
Professora de PLE na Universidade de Aveiro

Resumo

Com este trabalho, resultado de um seminário a alunos de Nível Superior, no XXII Curso Internacional de Verão, em Julho de 2001, queremos demonstrar a possibilidade e a importância da utilização de expressões idiomáticas e de provérbios contextualizados, com alunos de Nível Superior.

Depois de uma breve reflexão sobre as características do texto parémico e de uma breve apreciação sobre a sua legitimidade como conteúdo dos programas dos Níveis de Iniciação e Intermédio de aprendizagem de PLE, pretendemos evidenciar a praticabilidade de utilização destes textos do campo da literatura tradicional / oral / popular como uma chave de acesso, para os alunos de PLE, ao património linguístico e cultural português.

Abstract

This is the result of a class taught to University-level students at the 22nd International Summer Course in July 2001. We want to show the possibility and the importance of using proverbs and idiomatic expressions with students at this level.

After briefly reflecting on the proverb-related text and a cursory appreciation of its relevance as a content of the programmes of initiation and intermediate learning levels of Portuguese as a Foreign Language, we wish to highlight how feasible it is to use these texts, from the area of traditional/oral/popular literature as a key to the Portuguese linguistic and cultural heritage.

1. Introdução

Todos nós temos um conhecimento mais ou menos profundo sobre provérbios e expressões idiomáticas: o seu uso tão comum e a sua tradicionalidade apontam para uma realidade que todos julgamos conhecer. Quem não conhece o provérbio certo para utilizar em determinado contexto? Quem não conhece a sua eficácia argumentativa e moralizante?

Porém, apesar deste conhecimento prático, parece que nem todos temos verdadeiramente presente uma correcta definição de tais enunciados. Seguro disso, Wolfgang Mieder, num dos seus estudos parémicos, analisa cinquenta e cinco definições recolhidas entre estudantes, amigos e conhecidos, para chegar à mínima definição possível: «A proverb is a short definition of wisdom.»¹

Embora se trate de uma definição válida, carece, porém, de uma total abrangência, uma vez que não contempla a economia verbal, a fácil memorização, o seu carácter oral, diacrónico e popular, a sua universalidade, a sua origem remota e anónima e a sua autonomia sintáctica.

Também em relação a expressões idiomáticas ou frases feitas poderá surgir a mesma dificuldade de definição, tanto mais que muitas vezes se confundem com os ditados populares. Repare-se que os dicionários de provérbios existentes no mercado contêm muitas expressões idiomáticas às quais é assim dado o estatuto de provérbio. É o caso, por exemplo, de **Tomar a nuvem por Juno**, ou **Anda (Há) mouro na costa**, **Sair o tiro pela culatra**, **Ser pau para toda a obra**, para só referir alguns exemplos, formas presentes em *O Grande Livro dos Provérbios* de José Pedro Machado, mas igualmente registadas nos dicionários de expressões idiomáticas².

Perante esta intersecção de critérios, parece-nos pertinente diferenciar os dois tipos de enunciados, pela ausência, nas expressões idiomáticas, de duas das principais características definidoras de provérbio, isto é, os juízos de valor ou moralizantes sempre implícitos e a sua universalidade.

O nosso objectivo, no presente artigo, não é, porém, estabelecer as fronteiras entre uma e outra formas da literatura tradicional, oral, popular, mas tão-só avaliar a possibilidade e a importância da sua utilização numa aula de Português Língua Estrangeira (PLE).

2. A presença destes enunciados em métodos de ensino de PLE e o seu possível contributo para a aprendizagem da Língua

Embora provérbios e expressões idiomáticas tenham, desde sempre, constituído uma forma de aprendizagem e se encontrem em qualquer manual de Língua Portuguesa, nomeadamente do Ensino Básico, não é com a mesma profusão que este tipo de enunciados se encontra nos vários manuais para o ensino de Português como Língua Estrangeira. No que diz respeito, por exemplo aos métodos destinados aos níveis de Iniciação e Intermédio, verifica-se, naqueles que analisámos e que são os que existem, até à data, no mercado, a ausência de enunciados proverbiais. Consideramo-los, porém, passíveis de serem utilizados por estes aprendentes. Estaremos, assim, já longe da posição defendida por Archer Taylor que considerava que «Those who do not speak the language can never recognize all its proverbs (...)»³. De facto, poderão constituir uma estratégia no processo ensino / aprendizagem da morfologia, quer pela sua estrutura, quer pelas categorias de palavras neles presentes, servindo assim de suporte, nestes níveis, à aprendizagem, por exemplo, das preposições, dos pronomes relativos, dos participios passados, do gerúndio ou de qualquer outro tempo verbal. Poderão ainda, pela sua estrutura concisa e de fácil memorização, servir de instrumento de auxílio para um estudo fonético, contribuindo para uma correcção ou aperfeiçoamento da pronúncia. Poderão,

¹ MIEDER, 1999: 1

² NEVES, 1991; NEVES, 1992; NEVES, 2000

³ TAYLOR, 1931:3

igualmente, entrar no domínio da semântica, potencializando o reforço vocabular da nova língua⁴. Desta maneira, os alunos vão entrando no conhecimento destes enunciados, mesmo ainda numa fase inicial de aprendizagem.

Parece-nos, porém, necessário alertar para a selecção destes tipos de texto, porquanto, pela sua tipicidade semântica, alguns poderão suscitar aos alunos certas dificuldades de compreensão. Lembramos, a título de exemplo, a expressão *ir aos arames* que, mesmo em contexto, dificilmente será descodificada, o que prejudicará a identificação da preposição *a* com o valor de modo. Na realidade, para um aluno estrangeiro de iniciação ou mesmo do nível intermédio, a preposição *a* posicionada depois do verbo *ir* sugere-lhes, antes de mais, a ideia de movimento. Por isso, consideramos conveniente que, nestes níveis de aprendizagem, o professor de PLE selecione enunciados semelhantes, em termos estruturais e semânticos, aos das línguas de origem dos alunos.

Verifica-se, portanto, que os métodos que contemplam textos parémicos são apenas os que se destinam a alunos com um grau avançado de competência comunicativa e, portanto, com um conhecimento mais profundo da Língua e da Cultura Portuguesas. Na realidade, nos manuais que consultámos e que são os disponíveis para o ensino de PLE — *Lusofonia*⁵, *Portuguesíssimo*,⁶ *Português Mais*⁷ e *Português sem Fronteiras 3*⁸ — encontramos a apresentação de expressões idiomáticas decorrentes dos textos e do respectivo significado. Pudemos constatar que, enquanto em *Português Mais* e em *Lusofonia*, as referidas expressões surgem apenas em glossário, como uma curiosidade da língua, e em *Portuguesíssimo* surgem essencialmente como exercícios de leitura, numa rubrica intitulada «Ler por prazer», já em *Português sem Fronteiras 3* a sua presença é diferente, em termos de grau de frequência e em termos de objectivos de utilização. Assim, ao longo das 20 Unidades que constituem este método, há seis exercícios dedicados a expressões idiomáticas e um exercício de utilização de provérbios. A estratégia de aprendizagem incide sobretudo a nível semântico. De facto, depois de ser fornecido o significado das expressões, a interiorização do seu conhecimento é solicitada ao aluno, ou através da apresentação de várias frases que desenvolvem o sentido perifrásticamente, para que o aluno o converta na respectiva expressão, ou através de frases lacunares. No caso do exercício respeitante a provérbios, o objectivo é o mesmo, ou seja, a conversão da situação explicada no respectivo ditado popular. Parece-nos, deste modo, que os autores do método referido tiveram sobretudo em linha de conta as características de concisão e de brevidade deste tipo de textos, uma vez que eles surgem sempre como a síntese da mensagem veiculada. Atendendo a que se trata de um manual destinado a alunos com um nível avançado de conhecimento da língua, parece-nos possível conceber outras possibilidades de exploração destes textos tradicionais, nomeadamente a sua inserção contextualizada em actividades de expressão oral e escrita, permitindo, assim, um alargamento do vocabulário e um aprofundamento da componente cultural dos alunos. Neste último caso, a sua presença poderá constituir um processo de exemplificar e comentar a fisionomia de um povo. Poder-se-á ainda admitir, para este tipo de alunos, actividades de tradução, potencializando-se, por exemplo, um estudo comparativo, em termos morfo-sintácticos, semânticos ou culturais.

Como que a comprovar a pertinência da utilização destes enunciados populares num nível avançado de aprendizagem de Português, salientamos a sua presença nas provas de exame do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE), unicamente nos dois exames de nível superior, ou seja o DAPLE (Diploma Avançado de Português Língua Estrangeira) e no DUPLE (Diploma Superior de Português Língua Estrangeira). Em ambos os casos, é

⁴ Teodor Flonta, no artigo «Proverbiando, S'impara» dá o exemplo de alguns manuais de ensino de Italiano como Língua Estrangeira onde estão contidos vários exercícios de funcionamento da língua com base em provérbios. (FLONTA:1995;1)

⁵ AVELAR, 1995

⁶ MATOS, s/d

⁷ ANTUNES, 1994

⁸ LEITE, 1998

pedido aos examinandos um conhecimento do valor semântico de provérbios e de expressões idiomáticas num dos exercícios das provas de Competência Estrutural: inseridos num determinado contexto fornecido através de um texto lacunar, sem que as palavras omissas sejam fornecidas, os alunos têm de descobrir o enunciado parémico adequado.

Embora estas fórmulas sejam comuns em muitas línguas e veiculem uma mensagem universal, consideramos o provérbio como um instrumento útil para um aluno de PLE, como uma chave que lhe pode permitir a entrada no património linguístico e cultural português. Para usar um tom proverbial, diríamos, e recriando o provérbio, que seria matar três coelhos de uma cajadada só, uma vez que o aluno pode enriquecer os seus conhecimentos de língua, pode desenvolver as suas capacidades de compreensão e de expressão e simultaneamente conhecer as idiossincrasias de um povo. No caso concreto deste trabalho, emerge a exploração da vertente cultural que os textos parémicos transmitem, porquanto se trata do relato de uma experiência feita com alunos que dominam, num nível superior, a Língua Portuguesa.

3. A utilização do texto parémico com alunos do Nível Superior

Conscientes da possibilidade de utilização deste tipo de enunciados em aulas de PLE e do seu múltiplo contributo, propusemos, aos alunos do Nível Superior, do XXII Curso Internacional de Verão, o contacto com estas formas em textos da comunicação social⁹. Aqui, sob a forma de título de artigos noticiosos, ou inseridos no corpo do texto publicitário ou jornalístico, os enunciados proverbiais encontravam-se na sua forma original ou modificada, quer por inclusão parcial, quer por substituição lexical. Acrescente-se que não nos foi difícil fazer uma prévia selecção dos textos e títulos a fornecer aos alunos. Na verdade, verificámos uma certa profusão deste tipo de enunciados no texto publicitário e jornalístico, o que vem, afinal, corroborar as características de concisão, adaptabilidade, maleabilidade e intencionalidade destes enunciados.

A turma era constituída por dez alunos, com um elevado conhecimento da Língua e da Cultura Portuguesas, sendo, na sua maioria, professores de Português, no seu próprio país. As nacionalidades não eram muito diversas, oscilando entre o espanhol e o inglês: dos quatro alunos cuja língua materna era o inglês, dois eram de ascendência lusófona; cinco alunos eram de nacionalidade espanhola e um outro aluno era oriundo da Guiné-Bissau. Atendendo a este perfil, estávamos seguros do não estranhamento dos alunos em relação ao texto dito tradicional, oral, popular e da possível consecução dos nossos objectivos.

Estes prendiam-se com a detecção da proverbialidade do enunciado e da sua intencionalidade semântica: os alunos teriam de reconhecer a expressão idiomática ou o provérbio portugueses, perceber as alterações sofridas, perceber e explicar a mensagem veiculada e a intencionalidade semântica da sua utilização, observando o seu efeito irónico e/ou humorístico. Escolhemos, propositadamente, textos breves que não dificultassem uma rápida identificação do enunciado e sobretudo da intencionalidade da sua utilização.

Depois de apresentados aos alunos os vinte textos seleccionados, cada um escolhia dois para efectuar a sua análise e posterior explicação, tendo a possibilidade de manusearem, simultaneamente, dicionários de provérbios e de expressões idiomáticas.

⁹ Estes textos foram retirados de revistas como Visão, Pública, Volta ao Mundo e Unibanco, editadas ao longo do mês anterior ao início do Curso.

De entre todos os textos, que apresentamos em anexo¹⁰, ressalte-se que só num deles era anunciado explicitamente o estatuto de provérbio por referências metadiscursivas do tipo «Diz o ditado...»). A predominante ausência da explicitação do estatuto proverbial destes enunciados poderia, de certa forma, dificultar a sua detecção. Por outro lado, o trabalho de identificação parecia facilitado pela existência em maior número de ditados populares e de expressões idiomáticas utilizados na sua forma fixada. Na realidade, de uma forma global, a sua percepção não foi difícil, mesmo quando os enunciados eram apresentados numa forma alterada ou quando estavam pouco em destaque, inseridos num texto. De facto, o seu diferente posicionamento — em título de artigo, como legenda de imagem, no corpo do texto ou como texto principal — não impediu o seu reconhecimento. No entanto, sobretudo quando inseridos no corpo do texto e sem qualquer alusão ao seu estatuto proverbial, o seu processo de identificação seria naturalmente dificultado. Seria o caso de **Mais vale prevenir que remediar** e de **Estar nas sete quintas**, ambos completamente incluídos no texto. Por outro lado, como adiante assinalamos, algumas das ocorrências perfeitamente destacadas não foram descobertas. Contudo, o primeiro objectivo proposto foi harmoniosamente alcançado, dada a rápida identificação da maioria dos enunciados. A dificuldade dos alunos, nesta primeira fase, prendeu-se com a identificação de **Vamos puxar o fio à meada** (como reescrita de *Perder o fio da meada*), colocado no centro da página e de **Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**. Numa das ocorrências, era apresentado com o mesmo tipo de destaque e na outra era indicado o estatuto de provérbio. Por isso, pensamos que a facilidade demonstrada no reconhecimento da proverbialidade do enunciado estará relacionada com o grau de conhecimento que os alunos já tinham da Língua Portuguesa. Reconhecemos ainda que a aproximação em termos estruturais e rítmicos dos enunciados portugueses aos da língua materna dos alunos coadjuvou a sua percepção e a consequente descoberta de enunciados equivalentes. Consideram-se equivalentes os provérbios e expressões idiomáticas que exprimem o mesmo conceito, seja literalmente — O amor é cego, El amor es ciego, Love is blind — seja através de outras palavras — De noite todos os gatos são pardos, De noche todos os gatos são pardos, No one will notice in the dark. É óbvio que esta aproximação de que falamos é mais frequente entre línguas da mesma origem do que entre uma língua latina e anglo-saxónica, como se vê nestes exemplos. Apesar disto, nesta primeira fase, podemos afirmar que o processo de descoberta foi praticamente em simultâneo, coibindo-se os alunos de manusearem os dicionários disponíveis, servindo-se assim dos seus próprios conhecimentos e da troca de impressões que se ia estabelecendo. Os textos escolhidos individualmente passaram a ser discutidos em grupo, uma vez que todos queriam fornecer a forma descoberta, correspondente na sua língua materna. Neste sentido, apresentamos a seguir os enunciados mais facilmente identificados, bem como a tradução dada pelos alunos¹¹. Repare-se, comparando com o *corpus* em anexo, que os enunciados primeiramente reconhecidos se encontram predominantemente na sua forma fixada, à excepção de **Mais vale um pássaro na mão que dois a voar**. Surgindo na forma **Mais vale um peixe na mão**, lembrou de imediato, a cada um dos alunos, o provérbio correspondente nas suas línguas, apesar da quebra do ritmo binário e da substituição lexical.

Enunciado em Português	Enunciado em Espanhol	Enunciado em Inglês
Cair do céu.	Como caído del cielo.	Fall from the sky.
Crescer água na boca.	Hacerse la boca agua.	To make one's mouth water.
Dar o litro.	Dejarse la piel.	Give it your best shot.

¹⁰ Não apresentamos o texto na íntegra, tal como os alunos o analisaram, mas apenas a frase em que o provérbio ou a expressão idiomática estavam inseridos. Estes enunciados estão indicados por ordem alfabética relativamente à expressão fixada.

¹¹ Pudemos, posteriormente, constatar a veracidade das traduções feitas pelos alunos ingleses em LACERDA, 2000.

Estar nas sete quintas.	Estar en el setimo cielo.	To be on cloud nein. To be on seventh heaven.
Mais vale prevenir que remediar.	Más vale prevenir que curar.	A stitch in time saves nine. Prevention is better than cure.
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.	Más vale pájaro en mano que ciento volando.	A bird in the hand is worth two in the bush.
Não há fumo sem fogo.	Por el fumo se sabe dónde está el fuego.	No smoke without a fire.
Rei morto, rei posto.	A rey muerto, rey puesto.	The king is dead, long live the king.

De entre estes exemplos, queremos salientar a troca de impressões que os enunciados **Dar o litro** e **Mais vale um pássaro na mão que dois a voar** suscitaram. O provérbio desencadeou uma discussão de ordem histórico-cultural, uma vez que o aluno espanhol que o escolhera, manifestou o seu espanto pelo contraste numérico, considerando que a ideia de esperança presente no provérbio português é bastante mais diminuta, causando assim «menos impacto», como ele mesmo disse. Deste modo, a referência ao provérbio permitiu uma série de considerações sobre alguns períodos históricos vividos pelos dois países (a batalha de Aljubarrota e o domínio Filipino foram alguns dos momentos referidos), vindo alargar os conhecimentos de todos sobre determinados períodos históricos e vindo redimensionar a questão da verdade histórica. Tendo sido referidas as eternas questões de difícil vizinhança histórica entre Portugal e Espanha, um dos alunos apresentou, bem a propósito, o provérbio **De Espanha nem bom vento nem bom casamento** que surgia na forma reconstruída e truncada, **De Espanha, bom vento**. Sendo do conhecimento da maioria dos alunos, funcionou, tal como o anterior, como instrumento de reflexão sobre a parcialidade do olhar histórico. Ficou bem claro que este provérbio é tipicamente lusitano, não havendo em língua espanhola o seu correspondente, e ilustra as desavenças havidas no passado, mas, segundo ficou evidente, em sentido unilateral. Os alunos ingleses explicaram a frequência e a normalidade deste tipo de relação entre povos vizinhos, fornecendo alguns exemplos de provérbios definidores do difícil relacionamento entre Inglaterra e Escócia e Inglaterra e Irlanda.

Já a expressão idiomática **Dar o litro** foi analisada na sua contextualização: os alunos conseguiram apreciar a incidência semântica da sua utilização, uma vez que souberam explicar o duplo significado aí contido. Tratando-se da publicidade a uma campanha de oferta de combustível, explicou o seu significado literal — trabalhar com esforço — bem como a intencionalidade subjacente, ou seja, o realce na oferta de combustível grátis. Consideramos interessante o facto de **Dar o litro** se encontrar entre os primeiros enunciados reconhecidos, uma vez que esta expressão idiomática se afasta, em termos lexicais, das da língua dos alunos, como se verifica nas traduções dadas. Assim, a sua fácil identificação leva-nos a conceber tanto o grau elevado de conhecimento dos alunos, como a importância da realidade rítmica para o reconhecimento do tom idiomático do enunciado. O mesmo se passou em relação à expressão **Estar nas sete quintas**, diferente lexicalmente em Espanhol e em Inglês, mas semelhante na sua estrutura sintáctica e rítmica. Também neste caso os alunos, ao analisarem a sua incidência semântica, souberam apreciar o processo de inserção textual através da simbologia do número sete bem como a diferença semântica entre a expressão em Português e nas suas línguas. O facto de em Espanhol e em Inglês se utilizar os termos *sétimo céu* ou *sétima nuvem* possibilitou a sistematização da diferença entre expressões como *Andar nas nuvens* ou

Estar nas nuvens. Para o pendor mais rural da expressão portuguesa não era dada qualquer explicação nos dicionários consultados.

O ritmo proverbial facilitou ainda o reconhecimento de **Cresce e aparece** e de **Sem rei nem roque**. Porém, o facto de não existir uma forma equivalente na língua materna dos alunos obviou a compreensão da sua intencionalidade semântica. No que diz respeito à utilização de **Cresce e aparece**, os alunos não puderam compreender a transgressão efectuada em termos de sentido no anúncio publicitário, uma vez que desconheciam o seu significado. Só depois da consulta do dicionário puderam perceber o objectivo publicitário — a Internet da Telepac preconiza uma evolução das pequenas e médias empresas — e a alteração do sentido literal pejorativo expresso no dicionário. Curiosamente, um dos alunos, antes da consulta do dicionário, atribuiu-lhe um sentido religioso, traduzindo a expressão para *Crescei e multiplicai-vos*. Na realidade, a intencionalidade semântica relacionava-se com a multiplicação, ou seja, com a valorização das empresas e, assim, efectuou uma boa descodificação do enunciado. Considerou, no entanto, depois de conhecido o verdadeiro significado, a maior abrangência da sua utilização, uma vez que o leitor reconheceria a omissão do sentido irónico que atribuímos à expressão.

Sem rei nem roque provocou grande hesitação nos alunos. Identificado como texto proverbial pela estrutura frásica, a consulta do dicionário de provérbios confirmou esta percepção. Deram-se conta da oscilação de fronteiras entre ditados e expressões idiomáticas, uma vez que estava igualmente presente nos dicionários destas expressões. Escapava-lhes, porém, o sentido, embora reconhecessem facilmente a negatividade expressa. Foi a atenção prestada ao contexto que lhes permitiu aperceberem-se da ideia subjacente de desorientação. O conhecimento posterior do significado da palavra *roque* — a torre no jogo de xadrez — e do significado da expressão — ter o jogo perdido, um estado de situação perdida — vieram ratificar a descodificação feita e dar amplo sentido à utilização deste enunciado como título de um artigo sobre a confusão reinante no mundo da publicidade enganosa.

O contexto revelou-se assim de grande importância para as situações em que os alunos, depois de identificada a expressão proverbial, se viam impossibilitados de reconhecer o objectivo da sua utilização, quer pela ausência de enunciados equivalentes na sua língua materna, como vimos em relação a **Cresce e aparece** e a **Sem rei nem roque**, quer pelo seu desconhecimento.

Esta última situação ocorreu em relação a três provérbios, **Quem casa quer casa**, **Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades** e **Santos da casa não fazem milagres**. O primeiro não trouxe, pela sua simplicidade lexical e sintáctica, quaisquer problemas de compreensão. Não trouxe igualmente dificuldade na atribuição do seu estatuto. Além disso, o seu posicionamento no fim da legenda da imagem ratificava o tom de autoridade atribuído a provérbios. Notou-se, porém, da parte dos alunos ingleses, uma maior dificuldade na sua detecção, reconhecida pelo desconhecimento de um enunciado parémico equivalente naquela língua. O ditado mais próximo sugerido foi *Every Jack to his trade* cuja tradução, *Cada macaco no seu galho*¹², não nos parece equivalente ao sentido do provérbio proposto. Muito curiosamente, os alunos ingleses quiseram justificar esta ausência pela diferente maneira de viver de povos latinos no que diz respeito ao vínculo dos jovens à casa materna. Consideraram que enquanto nos países anglo-saxónicos, os jovens cedo desejam a sua independência, vivendo fora de casa dos pais, em Portugal, e também em Espanha como foi corroborado pelos alunos presentes, esta autonomia só se verifica, a maior parte das vezes, através do casamento, como afinal diz o ditado. Desta forma, puderam inferir da importância da sabedoria popular e da tipicidade de alguns destes textos. Porém, um aluno inglês lembrou-se do provérbio *Married people*

¹² Confirmámos posteriormente esta tradução num dicionário de provérbios equivalentes em Francês, Inglês e Alemão. (SILVA, 1990)

need a home of their own o que, não tirando valor às conclusões obtidas, veio até fundamentar a origem remota e a universalidade dos provérbios. De facto, se em países anglo-saxónicos não é o casamento que implica a independência dos jovens, não se pode negar a universalidade do conceito. Este manter-se-á, apesar das mudanças por condicionalismos socio-culturais. Neste momento, tornava-se premente aludir ao provérbio **Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**, curiosamente aquele que mais dificuldades suscitou a todos os alunos. Esperávamos, porém, uma maior facilidade de reconhecimento pelos alunos de língua inglesa, visto que ele faz parte do seu património popular com a forma quase semelhante, *Other times, other manners*. Se a identificação de uma das ocorrências era auxiliada pela indicação do seu estatuto popular com a expressão *como diz o ditado*, na outra ela era, de certa forma, obviada pela substituição lexical na segunda parte da frase — *mudam-se as soluções*. No primeiro caso, os alunos ingleses manifestaram a influência da sua cultura, dado que viram na estrutura binária do provérbio e nas frases que o acompanhavam — *Mudar ou não mudar . Eis a questão*. — as frases célebres de Shakespeare, *To be or not to be? That's the question*. Deste modo, tornou-se um pouco mais complexa a percepção do uso do provérbio como forma de chamar a atenção para as melhorias de preço nas chamadas telefónicas anunciadas pela linha Novis e pela atitude de mudança de operador que assim se pretendia do público consumidor. Na segunda ocorrência — **Mudam-se os tempos, mudam-se as soluções** — observada posteriormente, a eficácia comunicativa do ditado popular foi mais espontaneamente perceptível pelos alunos. Neste caso, deram-se conta de uma característica dos provérbios, ou seja a flexibilidade contextual destes textos, contrária à rigidez que normalmente lhes é atribuída e ainda de todo o seu potencial significativo.

Santos da casa não fazem milagres, embora apareça reescrito numa frase de tipo declarativo, surge entre aspas, o que poderia querer sugerir o seu estatuto de provérbio. Porém, a leitura atenta feita pelos alunos levou-os a perceber que se tratava de uma citação. Como apreciaram, não faria sentido destacar através destes sinais de pontuação um provérbio cuja estrutura estava transformada. Foi no entanto um dos provérbios que levantou maior discussão, seja na identificação — repare-se na ausência de um ritmo marcado — seja na compreensão do seu significado. Na realidade, trata-se de um provérbio cuja estrutura lexical não se assemelha nem à do provérbio espanhol (*Em casa del herrero, cuchilo de palo*) nem à do inglês (*No man is a hero to his valet.*). Aliás, a tradução dada pelos alunos espanhóis corresponde ao nosso provérbio *Em casa de ferreiro espeto de pau* que, semanticamente, se afasta do provérbio referido.

O contexto foi ainda indispensável à percepção das expressões idiomáticas **Bradar aos céus Engolir sapos e Puxar o fio à meada**. A ausência de uma estrutura rítmica peculiar nestas expressões agravou, tal como no exemplo anterior, a sua identificação. Nestes três casos foi portanto o destaque dado — no centro da página — que assinalou o seu estatuto. Trata-se de expressões que têm equivalente literal numa das línguas dos alunos mas não na outra. Assim, enquanto a primeira expressão existe em Espanhol sob a forma, *Clamar a los cielos*, **Engolir sapos** tem o seu equivalente literal em Inglês, *Eat crow*.

Mais complexo foi o processo de reconhecimento da idiomaticidade da expressão **Puxar o fio à meada**, agravado pelo facto de os alunos não a encontrarem em nenhum dicionário. Esta ocorrência permitiu ponderar a existência de diferentes variantes destes enunciados. Foram dados alguns exemplos, como a oscilação do tipo da frase — *O hábito (não) faz o monge* — ou a utilização de sinónimos — *Longe dos olhos, longe do coração; Longe da vista, longe do coração* — ou a semelhança da estrutura frásica — *Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca acabe; Não há mal que cem anos dure, nem bem que os ature*.

Perante a análise feita e a troca de impressões suscitada, foi possível realizar, com o contributo dos alunos, uma sistematização final das características inerentes a estes textos. Os alunos ficaram cientes da eficácia argumentativa do texto parémico e de todo o seu

potencial significativo pela observação da teia de relações estabelecida com o texto publicitário.

Deixámos no ar a possibilidade da análise deste texto breve, fixado pela tradição, mas aberto a possibilidades interpretativas, na sua relação com o texto literário.

4. Conclusão

Neste trabalho, procurámos espelhar as reacções de alunos estrangeiros perante o texto parémico inserido sobretudo no texto publicitário. Numa primeira impressão, todos os alunos reconheceram a eficácia comunicativa e persuasiva destes textos. Assim como o provérbio ou a expressão idiomática terão servido os objectivos do publicitário ou do jornalista, captando a atenção do leitor, neste caso concreto, a sua inserção nos textos fornecidos desencadeou profícuas intervenções e análises. A troca de impressões estabelecida visou temas de índole cultural, histórica, linguística, partindo sobretudo de uma perspectiva contrastiva.

Embora seja cada vez mais frequente a utilização do texto proverbial — basta dedicar um pouco de atenção a títulos de jornal e a anúncios publicitários — trata-se de enunciados frequentemente considerados de importância menor, possivelmente pelo seu estatuto de texto tradicional, oral, popular.

Depois do trabalho de análise realizado, os alunos deram-se conta, porém, da verdadeira natureza dos provérbios e das expressões idiomáticas. Constataram a sua natureza de texto «aberto, na medida em que faculta um amplo leque de possibilidades interpretativas, consoante a situação concreta em que é utilizado; fechado na medida em que transporta consigo uma interpretação-padrão estável, convencionalmente estabelecida e fixada pela tradição¹³.» Puderam ainda confirmar a sua função argumentativa, com a carga didáctica moral, persuasiva e de autoridade que contém.

Tratando-se de alunos estrangeiros, tornou-se premente a observação do contexto, em situações de desconhecimento ou de ausência de um enunciado equivalente. Todavia, foi a estrutura rítmica proverbial o primeiro elemento propício à identificação dos enunciados, uma vez que, desencadeando a memória, activou a percepção do estatuto proverbial e do enunciado equivalente.

Embora tenhamos feito uma apresentação sintética da possibilidade de exploração do texto parémico com alunos do Nível Superior, não queremos deixar de referir a pertinência da sua utilização, embora com outros objectivos, com alunos de um nível menos avançado. Em relação ao caso que relatámos, pensamos ser igualmente profícua a inclusão de outros tipos de textos também pertencentes à literatura dita tradicional, oral, popular, tais como contos, adivinhas, lengalengas, como motivação para o estudo da cultura portuguesa. Este tipo de exploração, desencadeando a aproximação entre os povos numa vertente multicultural, constituirá uma forma dinâmica de veicular a cultura, obviando o recurso a outros processos menos inovadores.

Apesar de os textos apresentados terem sido explorados nesta perspectiva cultural, não significa que, também neste nível, eles não possam ser, simultaneamente, objecto de uma abordagem linguística, através, por exemplo, da exploração do valor polissémico da linguagem. Consideramos, assim, que o recurso a enunciados proverbiais constitui uma mais valia no ensino/aprendizagem de PLE. Quando explorados de forma adequada, possibilitam ao aprendente o manuseamento da língua com uma maior precisão e

¹³ LOPES, 1992; 345

naturalidade, para além de lhe conferirem uma imagem de quem realmente domina o idioma.

5. Anexo — Corpus analisado

I. Citação na forma fixada

TEXTO	DESTAQUE	CONTEXTO	FONTE
<i>Mudar ou não mudar. Qual é a questão? Diz o ditado que mudam-se os tempos mudam-se as vontades e a vontade hoje é de ter tudo mais simples e sobretudo transparente</i>	Destacado no texto	a mudança que a linha telefónica Novis pretende imprimir aos custos das chamadas	Visão, 21 de Junho de 2001
<i>SEM REI NEM ROQUE</i>	Destacado como título	título de um artigo alusivo à falta de fiscalização da publicidade a produtos financeiros	Visão, 7 de Junho de 2001
<i>Não há fumo sem fogo</i>	Destacado como título	título de uma crítica ao filme <i>O Informador</i> , em alusão directa ao seu argumento: as alterações à composição dos cigarros por parte de uma multinacional para aumento da dependência dos fumadores.	Unibanco, Junho 2001
<i>Rei morto, rei posto</i>	Destacado como legenda	legenda de duas fotografias: as cerimónias de cremação dos reis do Nepal e a coroação do novo rei, o Príncipe Gyanendra, um dia depois	Visão, 7 de Junho de 2001
<i>Engolir sapos é a sua profissão?</i>	Destacado como texto principal	anúncio publicitário à revista <i>Você</i>	Visão, Junho de 2001
<i>Cresce e aparece</i>	Destacado como texto principal	anúncio publicitário à Telepac	Visão, Junho de 2001
<i>Uma carreira de fazer crescer água na boca.</i>	Destacado como texto principal	anúncio publicitário inserido na campanha de recrutamento de El Corte Inglés	Visão, Junho de 2001
<i>O nosso património é de bradar aos céus</i>	Destacado como texto principal	publicidade às Pousadas de Portugal	Visão, Junho de 2001

TEXTO	DESTAQUE	CONTEXTO	FONTE
<i>Vamos puxar o fio à meada</i>	Destacado como texto principal	anúncio à rentabilização, por via informática, da Indústria Têxtil e do Vestuário Nacional	Visão, Junho de 2001
<i>Um emprego melhor não vai cair do céu, vai cair no seu e-mail</i>	Destacado como texto principal	anúncio publicitário a um site de emprego	Visão, Junho de 2001
<i>A noiva do herdeiro de Espanha já renunciou às passerelles, e Felipe por sua vez, mandou construir uma vivenda. Quem casa, quer casa..</i>	Inserido no corpo do texto	legenda de uma fotografia da suposta noiva do Príncipe Felipe de Espanha	Visão, 28 Junho de 2001
<i>Para quem tem que dar o litro todos os dias, a Toyota vai dar uma prenda muito especial: 1500L de uma vez só.</i>	Inserido no corpo do texto	publicidade a uma campanha da Toyota de oferta de combustível	Visão, Junho de 2001
<i>Sete razões para você viver os sete dias da semana tão bem como se estivesse nas suas sete quintas</i>	Inserido no corpo do texto	anúncio publicitário à imobiliária Sete Mares	Visão, Junho de 2001

II. Citação em forma de reescrita

TEXTO	REESCRITA	DESTAQUE	CONTEXTO	FONTE
<i>De Espanha, bom vento</i>	Negação do sentido original	Título	Título do editorial da revista Volta ao Mundo dedicada a Espanha	Volta ao Mundo, Junho de 2001
<i>Não mate o seu tempo</i>	Negação do sentido original	Título	Título de um artigo sobre a optimização do nosso tempo cronológico	Visão, 14 de Junho de 2001
<i>Para além da óptima recepção do corpo docente e discente daquela escola da Fundação Bissaya Barreto e da</i>	Negação do sentido original	Inserido no texto	Referência aos prémios da Fundação Bissaya Barreto, na quinta edição da Gala Bissaynhas, em que a própria	Visão, 21 de Junho de 2001

<p><i>honrosa companhia na lista de personalidades premiadas: Raul Solnado (Bissaynha Carreira), Graça Morais (Artes Plásticas), Eunice Muñoz (Teatro), Federação Portuguesa Paralímpicos (Desporto), Rádio 90 FM (Rádio), Carlos Pinto Coelho (Televisão, e Fundação Bissaya Barreto (Solidariedade), porque «os santos da casa, neste caso, fazem milagres», dizem os alunos do instituto</i></p>			<p>fundação foi premiada</p>	
<p><i>Mais vale um peixe na mão...</i></p>	<p>Substituição lexical</p>	<p>Título</p>	<p>Título da legenda de uma fotografia de uma lontra, explicando a sua destreza manual</p>	<p>Volta ao Mundo, Junho de 2001</p>
<p><i>Mudam-se os tempos, mudam-se as soluções</i></p>	<p>Substituição lexical</p>	<p>Inserido no texto</p>	<p>Anúncio das 4 Novas Soluções de Poupança / Investimento do BES</p>	<p>Visão, Junho de 2001</p>

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Francisco et al. 1994. *Português Mais*, Lisboa, Macau, Livros do Oriente
- AVELAR, António, et al. 1995. *Lusofonia*, Lisboa, Lidel
- COIMBRA-e-SILVA, Rosa Lúcia. 1999. *Estudo Linguístico dos Títulos de Imprensa em Portugal: A Linguagem Metafórica* (tese de doutoramento policopiada), Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 451-455
- COSTA, José Ricardo Marques da, 1999. *O Livro dos Provérbios Portugueses*, Lisboa, Ed. Presença
- FLONTA, Ariella. 1995. «Di proverbio in proverbio. Potenziale semantico della paremiologia comparata (inglese i lingue romanze)», Volume 1, N.º 1 <http://www.deproverbio.com>
- FLONTA, Teodor. 1995. «Poverbiando, s'impara. (Il proverbio nella didattica delle lingue)», Volume 1, N.º 1 <http://www.deproverbio.com>
- JOLLES, André. 1998. *Formes Simples*, Coll. Poétique, Paris, Ed. Du Seuil
- LEITE, Isabel et al. 1991. *Português sem Fronteiras 3*, Lisboa, Lidel
- LACERDA, Roberto et al. 2000. *Dicionário de Provérbios*, Lisboa, Ed. Contexto
- LOPES, Ana Cristina Macário.1992. *Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática* (tese de doutoramento policopiada), Coimbra: Universidade de Coimbra
- MACHADO, José Pedro. 1998. *O Grande Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ed. Notícias
- MATOS, Maria de Fátima Braga de. S/d. *Portuguesíssimo*, Porto, Porto Editora
- MIEDER, Wolfgang. 1999. *Popular Views of the Proverb*, Volume 5, Number 2. <http://www.deproverbio.com>
- NEVES, Orlando. 1991. *Dicionário de Expressões Correntes*, Lisboa, Ed. Notícias
- NEVES, Orlando. 1992. *Dicionário das Origens das Frases Feitas*. Porto, Lello & Irmão – Editores
- NEVES, Orlando. 2000. *Dicionário de Expressões Correntes*, Lisboa, Ed. Notícias
- SILVA, Helena Maria Quintão Duarte et al. 1990. *Dicionário de Provérbios — Alemão, Francês, Inglês, Português*, Lisboa Ed. Escher
- TAYLOR, Archer. *The Style of Proverbs*, Volume 5, Number 1 <http://www.deproverbio.com>
- VELLASCO, Ana Maria M. S. 1996. *Provérbios: Um Estudo Sociolinguístico*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília <http://www.utas.edu.au>

